



14 a 18 de Novembro de 2014

ConFAEB

Ponta Grossa - PR

II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES
XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASILDEPARTAMENTO DE ARTES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
FEDERAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL (FAEB)Tema: Arte/Educação Contemporânea:
metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender.

Modalidade: Mesa Redonda GT: Artes Visuais

Eixo Temático: Mediações Culturais: fundamentos, práticas e políticas

Título da Mesa: O museu e a escola na formação em artes visuais**FAMÍLIAS NO MUSEU DE ARTE: PROTAGONISMO NA FORMAÇÃO DE
HÁBITOS CULTURAIS**

Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella (FE USP, São Paulo, Brasil)

RESUMO:

A frequência de museus por crianças e adolescentes está vinculada, num primeiro momento, à condução destes por adultos, pelo óbvio fato de serem considerados menores para o desempenho autônomo de muitas atividades em sociedade. Sendo assim, os adultos desempenham fundamental papel na formação de hábitos culturais dos jovens, sejam eles profissionais de escolas de educação básica ou dos diferentes tipos de agrupamentos familiares. Discorrer sobre a relevância das famílias nesse contexto é o objetivo deste artigo, cuja base das informações apresentadas será uma pesquisa realizada com famílias frequentadoras do programa educativo Interar-te do Museu de Arte Contemporânea da USP, que resultou em dissertação de mestrado da autora apresentada à Faculdade de Educação da USP em 2012. Para compreensão do contexto da pesquisa, foram delimitados os conceitos de família e de lazer e abordados princípios sobre educação em museus de arte. Foram utilizadas metodologias de análise qualitativa de pesquisa e outras informações complementares foram obtidas através de instrumentos quantitativos direcionados à amostra selecionada para estudo. Constatou-se que há influências da família de origem sobre os adultos na criação de seus hábitos de frequência de programações artístico-culturais, assim como destes sobre suas próprias famílias, considerando-se a delimitação do perfil que a amostra representa; e, ainda, que o programa educativo Interar-te do MAC USP promove ensino e aprendizagem em artes visuais a diferentes faixas etárias e promove integração entre os membros das famílias que o frequentam.

Palavras-chave: Educação em museus; Família; Artes visuais; Lazer**FAMILIES AT THE MUSEUM OF ART: THE LEADERSHIP TRAINING OF
CULTURAL HABITS****ABSTRACT:**

The frequentation of museums by children and adolescents is, at first, tied to the conduct of these adults, the obvious fact that they are considered minor for the standalone performance of many activities on society. Thus, these adults play a key role in the formation of cultural habits of young people, whether professionals or elementary schools of different types of family groupings. Discuss the importance of families in this context is the purpose of this article, the basis of the information presented will be a survey of families attending the educational program you iterate the Museum of Contemporary Art of USP, which resulted in the author's dissertation submitted to the Faculty of Education at USP in 2012. The concepts of family and leisure were approached, and the principles related to education in art museums were approached in order to provide a better comprehension of the research

context. The research was based on methodologies for qualitative research analysis, and other complementary information was collected by using quantitative tools, which were directed to the sample selected for the study. Considering the delimitation of the sample profile, we verified that families play an influential role on adults in relation to the construction of their habits of attending cultural-artistic programs, and that these habits also influence their own families. We also concluded that the Interar-te Educational Program of MAC USP promotes teaching and learning concerning visual arts for people of different ages and promotes integration among the family members who visit the Museum.

Key words: Education in museums; Family; Visual Arts; Leisure

Introdução

O objetivo desse artigo é abordar a relevância da família na criação do hábito de crianças e de adolescentes na frequência de museus de arte. Para a discussão, serão considerados os dados obtidos em pesquisa realizada entre 2009 e 2012, como dissertação de mestrado¹ pelo programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Na pesquisa foi investigado o que levou os adultos da amostra a buscarem atividades num museu de arte nos momentos de lazer com a sua família atual. Foram verificadas as influências da família de origem (pais e irmãos) na formação de seus próprios hábitos de visita a exposições de artes visuais e no contato com programações culturais em geral, assim como o papel da escola de educação básica; de experiências sociais da vida adulta e a incidência de visitas destes adultos a exposições de arte com e sem a sua família atual.

O setor educativo de um museu pode contribuir para a iniciação do conhecimento sobre artes visuais pelo público em geral, não especializado, promovendo experiências e auxiliando-o na construção de repertório; nesse sentido, para investigação foi selecionado para estudo de caso o programa educativo Interar-te do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. No Interar-te, uma das condições de participação é que esteja presente a família, compreendida como um adulto com a qual o menor tenha vínculos, sejam ou não de parentesco, mas sim afetivos.

No entanto, a formação do hábito de frequência de museus de arte é determinada pelo significado que os sujeitos atribuem à experiência o museu; afinal, se memória é aquilo que se seleciona dos acontecimentos, então, mesmo que por muitos anos uma pessoa fique sem voltar a realizar uma atividade em sua vida, ela pode vir a retomá-la. O psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi (1999, p. 25) aponta que "(...) embora o que fazemos todo dia tenha muito a ver com o tipo de vida que levamos, o modo como experimentamos o que fazemos é ainda mais importante". Assim, uma memória positiva, afetiva, de uma experiência de qualidade no museu pode favorecer o hábito em frequentar tais instituições, em detrimento de experiências nas quais as pessoas sentem-se excluídas, despreparadas ou desconsideradas como público estimado em uma instituição. A qualidade da experiência no museu é fator importante para o acesso voluntário continuado de frequência de exposições pelo público, ou seja, na criação desse hábito.

¹ A dissertação "Famílias no Museu de Arte: lazer e conhecimento: um estudo sobre o programa educativo Interar-te do MAC USP", sob orientação da Prof^a Dr^a Rosa Lavelberg, pode ser consultada no sítio: www.teses.usp.br.

Referencial teórico

O papel da família é essencial para que seus membros, principalmente crianças e adolescentes, vislumbrem possibilidades de ócio. Puig e Trilla (2004, p.126) afirmam que "os hábitos que a família construirá sobre essas atividades costumam ser de grande importância para os filhos e para satisfação futura que encontrarão no tempo livre"; e citam o sociólogo Pierre Fougeyrollas²: "a família e a escola são as duas instituições fundamentais para a custódia da infância. A família, além de unidade econômica, afetiva, social, etc., constitui uma comunidade de ócios". (apud PUIG & TRILLA, 2004, p.56); ainda: "A maior parte da atividade de tempo livre infantil transcorre no meio familiar. Tanto no que se refere aos ócios cotidianos como aos semanais e anuais (fins de semana, férias, etc.), a família era a instituição que determinava sua forma e conteúdo" (PUIG & TRILLA, 2004, p.57); mas os autores apontam mudanças nesse panorama, dadas as características comentadas serem consideradas mais próximas das famílias nucleares; eles afirmam que atualmente há a delegação parcial dessa responsabilidade a instituições como brinquedotecas, clubes infantis e colônias de férias. No entanto, a ocorrência maior de agrupamentos familiares não nucleares não significa a descaracterização da importância da família na formação e educação de crianças e jovens (PUIG & TRILLA, 2004, p.19).

Para o estudo, foram compreendidos como famílias os grupos nos quais o vínculo entre seus membros é estabelecido pela qualidade da relação entre eles e não pelo parentesco consanguíneo (SARTI, 2009, p.85-86). Ou seja, a existência de diferentes arranjos familiares ressalta a importância de atividades de ócio de maior qualidade e o papel dessas atividades na promoção de integração dos novos agrupamentos.

No contexto do programa educativo Interar-te sempre foram considerados como familiares os agrupamentos de adultos com crianças e/ou adolescentes, independentemente do grau de parentesco, sendo prioridade os seus vínculos afetivos.

Para discorrer sobre as atividades das famílias em seus momentos de lazer, dentre elas a frequência de museus de arte, é preciso recorrer a autores que estudam o ócio. Puig e Trilla (1996) ressaltam que ócio e trabalho sempre estiveram presentes nas sociedades humanas, como fato social e objeto de reflexão, e que o significado dessa relação, que também é uma elaboração humana, acompanha as diferenças e semelhanças entre essas sociedades em cada época.

Cientes dessa diversidade, optamos por apontar concepções e considerações mais recentes acerca dessa relação, no intuito de fornecer subsídios ao contexto no qual o objeto de pesquisa foi inserido; podemos dizer que trataremos o objeto sob a ótica da problemática moderna do ócio pós-Revolução Industrial e no âmbito de países de organização econômica e política capitalista.

O fenômeno do ócio implica sempre um marco temporal. Distinguímos e opomos o tempo que dedicamos ao trabalho do tempo livre. O ócio supõe a liberação das obrigações do trabalho e a disponibilidade pessoal do tempo. Mas o ócio não é sinônimo de tempo livre. O tempo livre é unicamente uma condição necessária, mas não suficiente. Muitas vezes, utilizam-se equivocadamente ambos os termos com sentidos equivalentes.

² FOUGEYROLLAS, P. La família, comunidad de ócios. In: DUMAZEDIER, I. e outros: *Ocio y sociedad de classes*. Barcelona, Fontanella, 1971, pp.167-182.

O ócio requer e se configura também a partir de outro tipo de condições. Cria-se uma situação de ócio quando o homem, durante seu tempo livre, decide e gestiona livremente suas atividades, obtém prazer e satisfaz necessidades pessoais, como descansar, se divertir ou se desenvolver. (PUIG & TRILLA, 2004, p.21)

Essa definição é aproximada à do sociólogo francês Joffre Dumazedier, embora já revista por ele próprio, quando diz que:

(...) o ócio é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se dedicar de maneira totalmente voluntária, seja para descansar, se divertir, desenvolver sua informação ou sua formação desinteressada, sua participação voluntária, após se libertar de obrigações profissionais, familiares e sociais. (PUIG & TRILLA, 2004, p.36)

Das relações existentes entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho, dedicado às atividades livres e ao ócio, ressalta-se que ócio não é sinônimo de tempo livre; o tempo é uma das indicações dele, mas não a determina. No tempo do não-trabalho há a dedicação a outras obrigações: as "paraprofissionais" (o tempo gasto no transporte é um exemplo), familiares, religiosas e políticas. Estes dois últimos fatores são questionados por alguns autores, porém se configuram como momentos de menor disponibilidade pessoal e não serão considerados como momentos de ócio dada a perspectiva acima citada, da qual compartilharemos.

Deste modo, além da distribuição do tempo, somam-se outros fatores quando da caracterização do ócio: a atitude com a qual se vive o tempo, a liberdade de escolha e a forma pela qual se pratica o que se escolhe. Outro aspecto importante é a satisfação de necessidades pessoais durante as atividades do tempo livre, como a de se desenvolver, que corresponde ao ócio ativo. Nesse sentido, o tempo livre pode ser utilizado para o aprimoramento pessoal em áreas de interesse. Mas, em que medida numa sociedade com forte influência dos meios de comunicação de massa, as escolhas das atividades com o propósito do entretenimento são realmente livres, partem do interesse pessoal ou são desvinculadas do consumo alienado?

O ócio era considerado um tempo antieconômico, já que não facilitava o acúmulo de capital. Essas opiniões foram mudando lentamente conforme o tempo livre foi se impondo como uma realidade social e adquirindo uma função econômica nova e mais positiva. O aumento do tempo livre começava a significar um considerável aumento do tempo de descanso dos trabalhadores. Ou seja, adquiria utilidade econômica, pois favorecia uma melhora nas condições de vida e força de trabalho. Além disso, numa etapa superior, o tempo livre servirá também para melhorar a capacitação profissional dos trabalhadores. Portanto, como descanso ou formação pessoal, o tempo livre começa a ser apreciado pelos economistas. Finalmente, com a chegada das sociedades de consumo massivo, como defende e apregoa o primeiro Riesman, o ócio adquire um novo sentido, enquanto tempo liberado da produção e disponível para o consumo. Consumo que, além de cumprir a função social de adaptação às novas necessidades, estimula também o desenvolvimento das forças produtivas. A obra de Riesman representa o reconhecimento definitivo dessa função do ócio. (PUIG & TRILLA, 2004, p.31)

Diante de problemas socioeducativos presentes na última década do século XX, como os decorrentes das tecnologias de informação, da desigualdade de disponibilidade temporal, da crise socioeconômica e os graves problemas de desemprego e reorganização administrativa e de produção, das alterações nas

relações sociais de trabalho, além do crescimento populacional e aumento demográfico da terceira idade, da fome, dos estados de guerra e pré-guerra, da violência e da dependência de drogas, o pedagogo espanhol Alexandre Sanvisens i Marfull (PUIG & TRILLA, 2004, p.11) indaga: que tipo de educação se requer para ocupar adequadamente o tempo disponível e enfocar conveniente preparação técnica e humana diante do futuro? E afirma: a educação tem um papel ecológico a cumprir.

Com vistas ao quadro apresentado, que em grande parte pode ser estendido ao panorama do início do século XXI, qual seria o papel da educação no tempo de ócio?

Os trabalhos carentes de responsabilidade e iniciativa, além do desgaste psíquico que provocam, costumam conduzir a ócios passivos, consumistas e padronizados. Por outro lado, a influência do trabalho no ócio expressa-se também na forma como as diferenças profissionais marcam as atividades e costumes de ócio. Os ócios não fazem desaparecer a divisão do trabalho nem a diferença de meios econômicos. As diferenças culturais e de iniciativa pessoal tampouco se alteram significativamente no ócio. Por último, mesmo que menos importante, a idade ou o local de moradia são traços diferenciais que também se manifestam no ócio. Por todos esses motivos, parece lógico defender a tese da influência do mundo profissional no tempo livre. (PUIG & TRILLA, 2004, p.34)

Dado que na amostra de adultos selecionados para a pesquisa essa premissa pode ser comprovada, como veremos adiante, podemos dizer que o papel da educação pela família é ratificado na ampliação do leque de opções de ócio, pois as referências da família de origem (ROMANELLI, 1986) podem influenciar no repertório de opções que ficariam estagnados por motivos de demandas de trabalho e do tempo livre.

O sociólogo francês Georges Friedmann (apud PUIG & TRILLA, 2004, p.33) afirma que, em uma metrópole com o ritmo de vida acelerado como São Paulo – grande parte da população empregada em trabalhos psiquicamente desgastantes, os apelos da indústria cultural que promove o consumo de produtos com fim em si e que não investem na formação dos consumidores –, temos um cenário que pode alimentar a alienação, o trabalho não criativo, mecânico, repetitivo e fragmentado. Nesse cenário, ações que proporcionem “ócios de mais qualidade” são de vital importância. Deste modo cremos ser necessário refletir como o lazer é afetado pela programação cultural numa sociedade de massa, onde a mídia tem forte poder de influência sobre as opções das famílias. Qual a relação entre lazer e consumo de eventos, produtos da indústria cultural?

É preciso construir uma sociologia do ócio que considere os problemas práticos enfrentados em todos os níveis quando se quer aplicar um projeto de democratização social e cultural. Dumazedier pensa que o tempo de ócio é idôneo para desenvolver planos de ação sociocultural destinados a fazer compreender, recriar e criar cultura: fazer do ócio um tempo de educação. (PUIG & TRILLA, 2004, p.38)

Ao encontro dessas reflexões acerca da ampliação do conceito de educação, Puig e Trilla discutem que houve ampliação tanto “vertical: considerava-se a infância e a juventude etapas quase exclusivas da ação educativa, mas se passou a entender que a pessoa pode ser educada durante toda a sua existência”, como:

horizontal: não apenas escola e família são agentes educativos, mas se educa a partir de muitas outras instituições, meios e âmbitos que nem sempre são reconhecidos como especificamente educativos: trata-se dos conceitos de educação informal, educação não-formal e outros paralelos ou similares, que ultrapassam os limites do que, antes, era considerado educação. (PUIG & TRILLA, 2004, p.58).

O museólogo Marcelo Araújo, atual Secretário de Estado da Cultura de São Paulo sobre para quem se fazem museus, corrobora com a ideia:

Os museus existem para a população como um todo. Essa é uma visão fundamental, que os museus devem ter hoje em dia. O museu tem que ser voltado à toda a sociedade. No entanto, estamos falando de segmentos que são absolutamente diferenciados em termos de formação e de necessidades, o que nos leva, entrando em questões mais técnicas, à busca de ações específicas para esses diferentes públicos, seja do ponto de vista das necessidades, da faixa etária, da formação e da compreensão. Mas se o museu não tiver essa visão e não se preparar para isso, ele corre um altíssimo risco de se isolar e perder a sua função social. (GROSSMANN & MARIOTTI, 2011, p. 139)

Nessa esteira de pensamentos apontamos a importância social dos setores educativos dos museus e instituições culturais. Se apenas adentrar um museu não é garantia do acesso a uma experiência estética de qualidade ou à fruição dos bens patrimoniais que ali se apresentam, é preciso buscar elementos que ajudem esse acesso, tais como: reconhecer este espaço; sentir necessidade de entrar para usufruir do que ali é apresentado sob a forma de exposições e ações para o público; ver sentido em estar nesse lugar, ver-se ali representado, por questões de identidade ou de alteridade; sentir-se desafiado a duvidar e a conhecer; e sentir-se confortável, ter uma estada prazerosa e, por que não, divertir-se. O que não se pode permitir é que o visitante, principalmente aquele que não tem o hábito, tenha a sensação de exclusão diante de construções museológicas e museográficas que o fazem sentir-se diminuído e desqualificado e que, ao invés de motivarem-no em buscar conhecimento, podem torná-lo incapaz de se interessar por essa parcela da cultura de seu povo.

Deve-se, portanto, considerar a qualidade da relação do indivíduo com objetos e com um espaço que o desloca do mundo exterior e que, por isso mesmo, pode ou não promover uma experiência que o estimule a questionamentos, ao conhecimento e à fruição estética.

A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos emocionarmos, palpitar com o espetáculo de uma partida de futebol, é necessário conhecermos as regras desse jogo, do contrário tudo nos passará despercebido, e seremos forçosamente indiferentes.

(...). A arte, no entanto, exige um conjunto de relações e de referências muito mais complicadas. Pois as regras do jogo artístico evoluem com o tempo, envelhecem, transformam-se nas mãos de cada artista. Tudo na arte – e nunca estaremos insistindo bastante sobre esse ponto – é mutável e complexo, ambíguo e polissêmico. Com a arte não se pode aprender “regras” de apreciação. E a percepção artística não se dá espontaneamente. (COLI, 1990, pp.115-116)

O setor educativo de um museu pode contribuir para a iniciação do conhecimento sobre artes visuais pelo público em geral, não especializado, promovendo experiências e auxiliando-o na construção de repertório. Na

programação educativa oferecida no Interar-te acredita-se que ensinar arte pode favorecer o alargamento de experiências estéticas: a compreensão dos códigos do mundo da arte podem facilitar a fruição da natureza, do cotidiano, das construções humanas, assim como da própria arte, e também reverberar na política, no comportamento, nos modismos, no consumo.

Metodologia

Para a pesquisa foram entrevistadas as famílias que frequentaram o programa Interar-te do MAC USP³ por mais de uma vez no período de seu início até o fim da gestão de diretoria na qual foi criado, ou seja, outubro de 2006 a abril de 2010. O programa é oferecido mensalmente aos sábados à tarde de janeiro a novembro, com algumas exceções. O foco são as obras em exposição no Museu, seguidas de proposta prática ou reflexiva, na qual todos familiares são envolvidos. A participação dos adultos é variada, às vezes são assistentes dos menores, ora parceiros na produção, na qual o momento final de socialização promove aproximações e conhecimento recíproco fora do contexto cotidiano.

Das 103 famílias presentes nas 43 programações oferecidas no período delimitado para estudo, 18 participaram do Interar-te mais de uma vez e formaram os agrupamentos selecionados como amostra. Destas, 12 responderam ao chamado de participação da pesquisadora.

Dos 12 agrupamentos familiares entrevistados obteve-se depoimento de 13 adultos, 9 crianças com idade entre 5 e 11 anos e 6 jovens com idade entre 13 e 20 anos; 17 crianças e jovens participaram mais de uma vez do Interar-te no período estudado; dos quais 15 foram entrevistados. Entre os adolescentes, alguns já estavam com idade entre 18 e 20 anos à época da entrevista.

A maioria destas famílias residia próximo ao bairro do Museu: 58,3% até 6 km de distância, 8,3% de 6 a 12 km. Destas, 84% utilizaram como meio de transporte veículo particular; 8% veículo próprio ou a pé, 8% transporte público. O índice de classificação econômica utilizado apontou que 75% correspondia à classe A e 25% à classe B.

Os eixos centrais da pesquisa foram investigar: 1. a origem do contato dos adultos desses agrupamentos familiares com a arte em geral, se estaria nos hábitos das famílias de origem ou em experiências da vida escolar ou adulta; 2. se os adultos entrevistados estavam proporcionando conhecimento em artes visuais e a formação de hábito de frequência a exposições de arte às crianças e jovens nas atividades conjuntas de lazer que lhes proporcionam e 3. se o programa Interar-te do MAC USP contribuiu na promoção do conhecimento sobre artes visuais e proporciona a formação de hábitos de frequência a instituições culturais.

Estas três questões centrais foram distribuídas nos instrumentos de investigação e na coleta de dados junto às famílias, ou seja, nas entrevistas semiestruturadas com adultos, crianças e jovens e, com as crianças até 12 anos, desenhos como estratégia de apoio. Também foram entrevistados os educadores assistentes da equipe e a diretora do Museu no período.

³ O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, criado em 8 de abril de 1963, é um museu universitário e público.

Resultados e análise

Serão tratados aqui os dados coletados referentes aos dois primeiros eixos supra citados, dado ser a família o foco dessa apresentação. Demais informações podem ser consultadas, na íntegra, na pesquisa disponível em sítio eletrônico cujo endereço foi citado na introdução do artigo.

Das 23 atividades de lazer citadas da infância e adolescência dos 13 entrevistados adultos, a de cunho artístico-cultural mais recorrente foi o cinema (30,4%). Depois apontaram assistir TV (13%), ir ao teatro (13%), à biblioteca (4,3%), ouvir música (8,7%), visitar exposições (8,7%) e ir a espetáculos de dança (4,3%). Mais informações no quadro abaixo.

Atividades de lazer citadas nos depoimentos	Nº de vezes	%*
Relacionadas à realização na residência:		
1. Brincar	9	39,1
2. Assistir TV	3	13,0
Relacionadas a locais externos à residência, na mesma cidade:		
1. Ir ao circo	1	4,3
2. Ir ao zoológico	1	4,3
3. Ir ao cinema	7	30,4
4. Ir a exposições; ir ao museu	2	8,7
5. Ir ao teatro	3	13,0
6. Ir à biblioteca	1	4,3
7. Visitar parentes	2	8,7
8. Ir ao shopping	1	4,3
9. Ir ao clube, ao parque (municipal); ir ao bosque	4	17,4
10. Andar de bicicleta	1	4,3
11. Ir ao baile	1	4,3
12. Ir a espetáculo de dança	1	4,3
13. Ir a feiras de artesanato/arte popular	1	4,3
14. Frequentar cursos de atividades esportivas	1	4,3
15. Frequentar cursos de línguas estrangeiras	1	4,3
Relacionados a outras cidades (viagens):		
1. Ir à praia	4	17,4
2. Ir à casa de familiares	4	17,4
3. Outras, visando conhecimento de novos lugares	2	8,7
Outras:		
1. Ler	1	4,3
2. Ouvir música	2	8,7
3. Escrever jornalzinho	1	4,3

Quadro 1: Atividades de lazer dos 13 adultos na infância e na adolescência, por categoria (local de realização).

* Porcentagem calculada a partir do número (23) de atividades de lazer comentadas pelos entrevistados.

Os responsáveis pela condução a estas atividades relacionadas às artes em geral, foram apontados pelos entrevistados como sendo tanto a família (61,7%) quanto a escola de educação básica (61,7%; como apontaram uma ou ambas as referências, o valor indicado foi obtido ao serem contabilizados separadamente). Os 8 adultos (61,5% dos entrevistados) que se referiram à influência da escola em sua iniciação à frequência de atividades artístico-culturais destacaram aulas de

literatura e saídas para o teatro; 2 pessoas (15,4%) citaram o contato, nessa época, com as artes visuais e apenas um dos entrevistados apontou a visita a museus em atividades curriculares extraclasse. Acerca dos que indicaram a condução às atividades de cunho artístico por familiares, 25% apontou ser pela mãe, 25% pelo pai, 25% por pai e mãe, 25% pelos irmãos mais velhos e 12,5% por irmãos mais velhos e pai.

Estes dados nos permitem afirmar que a família de origem⁴ exerceu influência significativa nos hábitos culturais dos adultos entrevistados. Este levantamento refere-se ao contato inicial com as artes, mas sabe-se que a formação de hábitos culturais artísticos está relacionada à continuidade do contato e da frequência e, certamente, outras pessoas estão implicadas.

O segundo eixo da pesquisa referiu-se às artes visuais e à atuação dos adultos na formação de hábitos culturais de sua família atual. Para tal, foi realizada investigação do lazer dos adultos à época. Foram obtidas as informações que constam do quadro abaixo:

Atividades de lazer citadas nos depoimentos	Nº de vezes	%*
Relacionadas à realização na residência:		
1. Cozinhar	1	5,3
2. Assistir TV	1	5,3
Relacionadas a locais externos à residência, na mesma cidade:		
1. Ir a restaurante	1	5,3
2. Praticar esportes	2	10,5
3. Ir ao clube, parque ou bosque	4	21,1
4. Ir ao shopping	1	5,3
5. Visitar parentes	1	5,3
6. Ir a espetáculos musicais	4	21,1
7. Ir ao cinema	10	52,6
8. Ir ao teatro	3	15,8
9. Ir a festas populares	1	5,3
10. Ir à livreria	1	5,3
11. Visitar exposições; ir ao museu	7	36,9
12. Frequentar cursos de atividades esportivas	1	5,3
13. Frequentar cursos de línguas	1	5,3
Relacionadas a outras cidades (viagens):		
1. Ir pescar	1	5,3
2. Turismo em geral	1	5,3
Outras:		
1. Ler	1	5,3
2. Ouvir música	1	5,3

Quadro 2: Atividades de lazer dos 13 adultos na época da entrevista, por categoria (local de realização)

* Porcentagem calculada a partir do número de adultos entrevistados: 13. Observa-se que alguns apontaram mais de uma atividade, totalizando 19 atividades (número correspondente a 100%).

⁴ Pais e irmãos de uma pessoa; em geral, refere-se à família nuclear original de um adulto. (NICHOLS & SCHWARTZ, 1998, p.486)

No quadro acima pode-se verificar a diversidade de tipos de lazer, incluindo as de "ócio produtivo" (itens 12 e 13 das atividades externas à residência realizadas na própria cidade de moradia) e as atividades familiares no tempo de não trabalho, porém não representativas do "tempo livre", como cozinhar. Entre as 19 atividades citadas pelos entrevistados sobre suas práticas de lazer atuais, ir ao cinema era a mais recorrente (52,6%). Dez dos 13 adultos (77%) a citaram. Ir a exposições aparece em segundo lugar, com 36,9% das citações. Foi mencionada por 7 dos 13 entrevistados (53,9%).

Este índice é significativamente maior em relação às práticas de lazer dos mesmos entrevistados em sua infância e juventude (Quadro 1). Apenas 2 entrevistados (15,4%) frequentavam exposições na infância e juventude, enquanto que 7 deles (53,9%) relataram ter esta prática em seu lazer pessoal na vida adulta, nos momentos em que não há uma programação planejada para toda a família que abarque o interesse das diferentes faixas etárias. Sabe-se que este alto índice de frequência a exposições como opção de lazer não é comum à população em geral e ressaltamos que esse hábito foi adquirido pelos adultos da amostra e incorporado às suas práticas de lazer.

Verificou-se também que ir aos museus é mais frequente para os entrevistados com os menores do que sozinhos; assim, pode-se inferir que este é um valor sobre formação de hábitos de cultura e educação das famílias. Ir a exposições com as famílias (69,2%) superou ir ao cinema (61,5%), em relação às atividades de lazer externas em geral citadas. Vide quadro abaixo:

Atividades de lazer em família citadas nos depoimentos	Nº de vezes	%*
Relacionadas à realização na residência	0	0
Relacionadas a locais externos à residência, na mesma cidade:		
1. Ir a restaurante	1	7,7
2. Praticar atividades esportivas	1	7,7
3. Ir ao clube, parque ou bosque	6	46,2
4. Ir ao <i>shopping</i>	1	7,7
5. Visitar parentes	2	15,4
6. Ir a espetáculos musicais	3	23,1
7. Ir ao cinema	8	61,5
8. Ir ao teatro	5	38,5
9. Ir a festas populares	1	7,7
10. Ir a exposições; ir ao museu	9	69,2
Relacionadas a outras cidades (viagens):		
1. Ir a propriedades rurais (sítio, chácara)	1	7,7
2. Turismo em geral	2	15,4
Outras:		
1. Ouvir música	1	7,7

Quadro 3: Atividades de lazer das famílias na época da entrevista por categoria (local de realização).

* Porcentagem calculada considerando-se as 13 atividades (100%) citadas pelos 13 adultos.

Foi verificado quem escolhe as atividades das famílias: obteve-se dos 50% respondentes a esta questão, como maior índice serem sempre os adultos (33,4%); escolhas em comum (8,3%) e "depende da atividade" (8,3%) empataram, mas foi apontado não deixarem a opção às crianças ou adolescentes (0% para esta opção).

Ainda foi indagado o motivo da opção em participar da atividade no MAC USP. Foram obtidas as respostas: busca de conhecimento sobre arte e cultura

(83,3%), formação de hábito de cultura desde a infância e juventude (41,6%), poder estar com a família (33,3%), mediação com educador do museu (25,0%), atividade prática em oficina (16,6%) e *status* (8,3%).

Por estes dados, afirmamos que os adultos visam proporcionar atividades em museus com o propósito de formação de hábito de cultura. Lembramos que adultos de classificação econômica A e B, segundo o índice utilizado com a amostra da pesquisa, que deixa como questão a relação de outros segmentos da população com este hábito, ou seja, aqueles que não residem próximo a um museu, e nos faz pensar sobre a localização dos museus e centros culturais na cidade de São Paulo e sua relação com seus habitantes.

Para a maioria das crianças e dos adolescentes entrevistados que vai a exposições pela programação escolar, ir com a família é diferente (46,7%); destes, 85,7% prefere ir com a família do que com a escola. Para os adolescentes, estar com os colegas de classe os distrai e tira seu foco do contato com as obras, além de nesse caso seguirem uma proposta orientada pelos professores, não por eles próprios, como quando estão com familiares. Algumas crianças apontaram que o que mais lhes marcou nas participações do programa Interar-te foi não só conhecer obras, mas o ambiente e o contato com pessoas diferentes, assim como Falk e Dierking (2011, p.5) ressaltam em suas pesquisas acerca da relevância dos contextos físico e social aos visitantes de museus.

Sabe-se que a programação de atividades curriculares extraclasse envolve as várias disciplinas do currículo escolar, o que restringe o número de visitas relacionadas às artes visuais. Isso quando consideramos uma cidade com muita oferta de exposições, como São Paulo, o que não é realidade para escolas de muitas cidades do interior do Estado. Sendo assim, na estimativa de uma ida ao museu de arte ou a um centro cultural por ano com a escola, o que sequer é recorrente também a muitas das instituições de ensino básico paulistanas, pode-se estimar que esta programação, em família, amplia a possibilidade de contato com as exposições de artes visuais.

Considerações

O objetivo da pesquisa foi conhecer o perfil do público adulto que frequentou um museu com a família em busca de lazer, assim como o impacto dessas ações na qualidade das relações e vínculos no interior de cada família. Porém não há dúvidas de que nesse ínterim promove-se conhecimento sobre arte. Afinal, o que move o programa são as exposições em cartaz no Museu de Arte Contemporânea, instituição que abriga mostras de arte moderna e contemporânea em grande maioria de seu acervo, mas também de demais procedências (colecionadores, outras instituições públicas ou privadas, artistas, etc.).

Ao participar do programa Interar-te, além de promover esta vivência às crianças, os adultos também participam e se transformam. A convivência familiar é valorizada e estimulada, assim como a troca de opiniões, de papéis – muitas vezes adultos, crianças e adolescentes discutem seus trabalhos como colegas, como iguais, apesar de suas diferenças. Ou seja, investe-se na qualidade da experiência no museu – não só do contato com a arte, mas da relação que se estabelece entre visitantes, familiares, a equipe de educadores e demais grupos que se encontram neste espaço, que é institucional.

Para o trabalho com um público tão diverso são utilizadas estratégias diferentes a cada sessão. No entanto, o excesso de recursos, de referências ou mesmo de atividades são desnecessários quando substituem a experiência do

contato com as obras. Reconhecemos que, bem dosados, estes elementos facilitam a contextualização e podem favorecer o conhecimento e a experiência do público com as exposições. Mas uma análise como a da Prof^a. Maria Isabel Leite, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, em relação à qualidade das propostas de atividades em museus, norteia as ações do programa Interar-te. Para a professora, que é contundente na crítica ao uso de recursos de apoio à visita de uma exposição,

Alguns museus, ao se abrirem explicitamente ao público infantil, esmeram-se em recursos quase circenses e pirotécnicos para atraí-lo. Quando se objetiva levar crianças às exposições, normalmente se cria uma atividade anterior, um "chamariz", uma "sedução" para atrair a presa à sua jaula – teatros, danças, filmes, brincadeiras ligadas ao pintor cuja obra está exposta... Será que precisamos criar "iscas" ou "disfarces" para as crianças se interessarem pelos espaços culturais? Parece que a obra como tal não é suficientemente atrativa. Mas coloco uma questão: os fins justificam os meios? Isto é: devemos fazer teatro de fantoches, jogos etc. e atrair o público abrindo uma possibilidade de experiência estética com as obras de arte, ou permanecer firmes no princípio de que as obras, por si, devem continuar sendo o foco central e serem atrativas por elas próprias? (LEITE & OSTETTO, 2005, p.29)

É prioridade do programa, além da integração familiar, o contato de qualidade com obras de arte originais que proporcione conhecimento acerca da arte. São usadas estratégias lúdicas em algumas sessões, mas sempre dosadas para evitar que o estar no museu possa ser substituído por ações que poderiam ser feitas em qualquer outro lugar. Afinal, este é um lugar diferenciado, entre tantos outros em grandes cidades com programação cultural diversificada.

Ao inserirem crianças e adolescentes na rotina do lazer familiar, os adultos precisam considerar que estão em atividades com eles; ou seja, é importante estarem atentos e respeitarem seus ritmos, seus interesses, procurando adaptar essa participação a estes momentos em família. Ir ao museu com uma criança é diferente de ir ao museu só ou entre outros adultos. Além de que o museu, se pretende receber as crianças e jovens, deve também se preparar para tal, não só com pessoal qualificado, mas com um espaço de e para o diálogo com estes públicos, o que envolve as diversas áreas de comunicação de uma instituição: do conceito curatorial aos recursos expográficos, das áreas de acolhimento e recepção, às de serviços básicos (fraldário, alimentação, descanso).

Porém, certamente podemos afirmar que a família desempenha fundamental relevância na criação de hábito de frequência de museus de arte e demais instituições culturais.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIELLA, A.A.A.S. **Famílias no museu de arte: lazer e conhecimento: um estudo sobre o programa educativo Interar-te do MAC USP**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DEWEY, J. **Art as experience**. New York: The Berkley Publishing Group, 2005.

FALK, J.H.; DIERKING, L.D. **The Museum Experience**. Walnut Creek, CA, USA: Left Coast Press, 2011.

FERNANDES, D. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GÓMES, G.R. **Metodologia de la investigación cualitativa**. Málaga: Aljibe, 1999.

GROSSMANN, M.; MARIOTTI, G. (Orgs.). **Museum art today: Museu arte hoje**. São Paulo: Hedra, 2011.

IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

LEITE, M.I.; OSTETTO, L.E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2005.

NICHOLS, M.P.; SCHWARTZ, R.C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PUIG, J.M.; TRILLA, J. **A pedagogia do ócio**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais/FFLCH, Universidade de São Paulo, 1986.

SARTI, C.A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, L.; LEONTIEV, A.; LÚRIA, A. **El proceso de formación de la psicología marxista**. Moscú: Editorial Progreso, 1989.

WORTHEN, B.R.; SANDERS, J.R.; FITZPATRICK, J.L. **Avaliação de programas: concepções e práticas**. São Paulo: Gente, 2004.